

Educadores enfrentam *bullying* nas escolas por meio de ferramentas como mediação e diálogos

No dia sete de abril o Rio de Janeiro amanheceu com a notícia do assassinato de doze estudantes da Escola Tasso da Silveira, localizada no bairro de Realengo. O assassino, ex-aluno, justificou em vídeo os motivos de sua ação, dentre eles, o *bullying* - palavra que não tem tradução em português. Na língua inglesa *bully* significa “valentão”. Segundo o psiquiatra forense e professor da Faculdade de Educação da UERJ Jairo Wener Junior, o *bullying* compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas que ocorrem sem motivação evidente por um indivíduo ou grupos, causando dor e angústia. Este comportamento pode ter ação direta, como bater e insultar, ou indireta, como a realização de pressões para que o indivíduo seja excluído do grupo.

A denominação tem se firmado nos últimos anos, o que não quer dizer que o problema não existisse anteriormente. O professor explica que essas situações de violência e humilhação sempre ocorreram, porém quando se define o conceito torna-se mais fácil localizar o problema. Contudo, é preciso estar atento para não cair na generalização, acreditando que qualquer conflito que ocorre dentro de sala de aula seja considerado *bullying*. “No caso específico de Realengo, nota-se que existiam outros componentes psicopatológicos aparentes, como o delírio místico religioso. O *bullying* causa sofrimento, no entanto, não um transtorno dessa forma. Normalmente não se pode ter o *bullying* isoladamente como causa dos assassinatos”, analisa Wener.



O psiquiatra e professor Jairo Wener explica o *bullying* aos futuros educadores na Universidade

Mas qual é o limiar entre *bullying* e uma simples implicância infantil? O psiquiatra esclarece que o processo de desenvolvimento das crianças envolve situações de conflito e de superação, como os costumeiros apelidos infantis criados, normalmente, pelas características físicas. Se essas situações ocorrem em igualdade de condições ela não é considerada *bullying*. “Entretanto, se você apresenta uma característica relacionada a raça, ou alguma característica física, e torna isso um motivo de chacota persistente e não um fato isolado, há *bullying*, que tem que ser uma coisa repetitiva, que cause um desconforto muito grande”, indica Wener.

A identificação do problema é um dos primeiros passos para o trata-

mento. A escola precisa estar atenta aos fatos e não contribuir para sua continuidade com uma dinâmica inadequada. O professor recomenda que tanto o agressor quanto a vítima sejam atendidos por meio de um processo dialógico. “Acredito que a sociedade não está preparada para enfrentar conflitos. Mas eles existem e é motivo para analisarmos o que não está funcionando, principalmente na escola. As escolas, às vezes, não dão conta da violência simbólica. Muitas vítimas de *bullying* são crianças que estão tendo dificuldade de aprendizagem, elas se sentem acuadas. Isso é um problema muito sério. Então, temos que enfrentar o *bullying* de maneira mais direta através do diálogo e de propostas, de fato, mais efetivas.”

A matemática invisível impulsiona a tecnologia que facilita a vida cotidiana nas cidades

É comum ouvir queixas de estudantes em relação à matemática nas escolas. A matéria, muitas vezes apresentada como um conhecimento distante da realidade e do cotidiano dos alunos em números e fórmulas, pode ganhar fama de “difícil”. Para o professor do Instituto de Matemática e Estatísticas (IME) Carlos Antônio de Moura, porém, um pequeno giro pelo universo dos números mostra de que forma eles se aplicam ao cotidiano: estão em toda parte, e interagem com diferentes áreas do conhecimento humano.

Um exemplo? O professor cita vários. Os avanços medicinais, como a invenção da tomografia, que consiste em “fotografar” seções ou fatias do corpo humano e depende diretamente da matemática, utilizando os problemas inversos: o equipamento envia ondas que voltam informando as configurações internas do corpo analisado.

Outro exemplo muito próximo do dia a dia das pessoas é o uso dos termômetros para medir a temperatura corporal. “Apesar de a invenção do

termômetro não ter sido baseada em matemática, é a escala numérica que está nele que é associada ao grau de enfermidade do indivíduo.”

Nas ciências exatas, o uso mais habitual é na reforma urbanística. “Para as engenharias é imprescindível o conhecimento técnico somado ao geométrico e matemático, para que a efetivação das transformações urbanas não ocorra através de métodos destrutivos”, diz o professor Moura.

Pitágoras no século IV a.C., fazendo uma experiência com monocórdio, criou o quarto ramo da matemática: a música

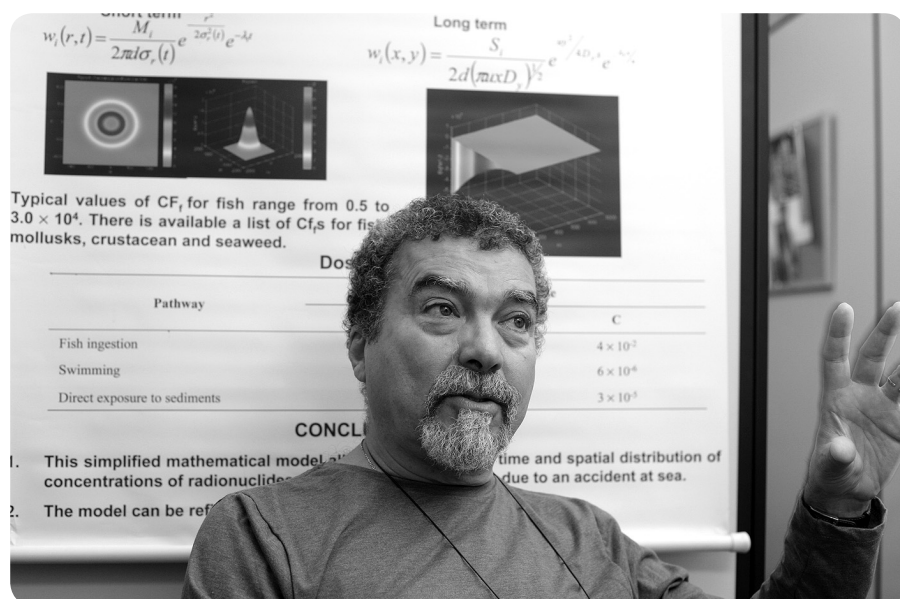
O especialista lembra ainda que os sistemas computacionais e a quantidade de dados e informações armazenados neles ou por ele transmitidos são fruto do sistema de números binários.

“No aspecto funcional das escalas musicais e harmônicas, pode-se perceber outra aparição da matemática”, explica o professor. Foi Pitágoras, no século VI a.C., que fazendo uma experiência com monocórdio conseguiu, então, criar o quarto ramo da matemática: a música. Na configuração dos sons, o uso dos telefones fixos e móveis tem sido potencializado nas últimas décadas. Moura esclarece que “os sinais que o aparelho recebe estão estritamente relacionados matematicamente e são decodificados numa linguagem sonora muito próxima da voz humana”.

O professor explica que o estudo da matemática costuma ser dividido em matemática pura (que não realiza a aplicação prática, mas apenas um desenvolvimento do pensamento matemático), e a matemática aplicada, direcionada a pesquisa e aplicação prática.

Considerando essa interdisciplinaridade, O IME desenvolveu uma linha de pesquisa na Pós-graduação em Ciências Computacionais que integra Matemática, Estatística e Informática, visando sistemas físicos na Engenharia, Neurociência, Medicina, Ciências Humanas, Biologia e Ecologia. Além disso, o professor comenta que existem pesquisas estimuladas pelas ciências exatas na Universidade que estão ligadas a sistemas de calor, acústica e realidade virtual.

Mais informações sobre linhas de pesquisa e programas de pós-graduação estão disponíveis no site do Instituto: <http://www.ime.uerj.br/~posgraduacao/mestrado/>.



O professor Antônio Carlos de Moura explica como a matemática influencia o cotidiano das pessoas

Maria Tereza Goudard Tavares, Diretora da Faculdade de Formação de Professores (FFP)

Campus São Gonçalo se destaca na formação de professores

Maria Tereza Goudard Tavares, diretora da FFP de São Gonçalo, dá aulas na Instituição há 16 anos. Nesta entrevista, a pesquisadora do campo de formação de professores fala sobre a relação da unidade que dirige com a Universidade, o perfil dos profissionais e estudantes da FFP e sobre os sucessos de sua gestão, que ela considera ser um trabalho de equipe.

Por que você decidiu entrar para FFP?

Foi uma escolha em função do perfil da Faculdade. Eu já era pesquisadora do campo de educação infantil e popular, estudando educação de periferias urbanas – que foi tema da minha dissertação de mestrado e tese de doutorado. Por isso tive uma identificação muito grande com o projeto político acadêmico da FFP. Eu entendo que a Faculdade como outras unidades são patrimônios da UERJ. Quando eu decidi ser professora, minha escolha foi pela Instituição. Temos 24 anos de Universidade e somos uma unidade que se orgulha de ser UERJ. Em 1994, me candidatei ao posto de professora contratada na FFP e fui reprovada. Não por mérito, mas porque eu não tinha experiência em educação superior apesar de ser mestre e ter artigos publicados. Um ano depois passei em primeiro lugar no concurso da Faculdade.

Qual é o diferencial dos professores?

O que é interessante em trabalhar na FFP é que boa parte dos educadores tem uma larga trajetória na escola básica. Essa experiência se reflete no nosso processo de formação dos estudantes – futuros professores. Assim, os alunos não nos veem apenas como pesquisadores teóricos do campo de processo de ensino de aprendizagem, mas também como professores que trabalharam 20 ou até 30 anos na escola básica. Essa experiência prática é importante por-



que eles é que estão atuando diretamente com as crianças – que não são as apresentadas pela teoria, mas crianças de verdade que vêm cheias de questões para a escola – e percebendo suas lógicas de aprendizagem.

O que mudou no perfil dos estudantes da FFP desde os anos 1990?

Eu percebo que a questão etária e o perfil se modificaram. Em 1995 ingressavam poucas pessoas de São Gonçalo, por causa do difícil acesso à universidade. Atualmente, temos muitos alunos da região, leste fluminense e do entorno. E a diminuição da faixa etária que está ligada a maior escolarização dos jovens. A partir da década de 90, a FFP começou a ter projetos vinculados àquela realidade de social, mental e cultural.

O que a senhora considera mais importante na sua gestão?

Nós assumimos em função de uma equipe para trabalharmos juntos. As

decisões, os erros e os sucessos são compartilhados. A FFP é hoje a segunda maior unidade da UERJ. São 1.390 horas dedicadas à pesquisa, que tem parceria de todas as sub-reitorias. Porque não existe formação de professor sem pesquisa. A formação tem que ser balizada fundamentalmente na produção e atualização do conhecimento. Isso para nós é uma diretriz acadêmica. Pela primeira vez na história da FFP, os alunos estão querendo retornar como profissionais. Vamos promover, neste mês de maio, o primeiro encontro de estudantes egressos. Queremos ouvir o que significou a formação deles e, também, aquilo que foi precário. É criar uma cultura na qual o ex-aluno deve se preocupar com sua universidade. Tivemos, também, grande avanço em infra-estrutura. Construímos um prédio para a pós-graduação que foi planejado com rede elétrica para novas tecnologias.

Marilena Ramos Barbosa recebe homenagem do IFCH, que inaugura sala com seu nome

Marilena Ramos Barbosa, historiadora e professora, faleceu no dia 28 de fevereiro deste ano, em Saquarema, Rio de Janeiro, e continua recebendo as homenagens da comunidade acadêmica da UERJ, onde atuou como educadora e pesquisadora durante 33 anos. Completaria no dia oito de maio 70 anos de idade.

No dia quatro de maio, o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) homenageou a professora, dando seu nome à sala RAV 92. A iniciativa partiu do Centro Acadêmico de História, que solicitou ao conselho departamental do IFCH que a sala recebesse o nome da professora. O conselho aprovou a solicitação em reunião no dia primeiro de abril. Segundo o Diretor do Instituto, José Augusto Rodrigues, “o conselho considerou o pedido dos alunos pertinente pela ligação da professora com o curso e com o Instituto”.

Considerada no meio acadêmico uma das principais referências no estudo da história trabalhista do Brasil, dedicou-se à militância política e às causas sociais, além da vida acadêmica. Marilena Ramos Barbosa graduou-se em História pela Faculdade Nacional de Filosofia em 1963 e em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1971. Foi Mestre em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) em 1977 e doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), em 1994, defendendo a tese “Um teto para os trabalhadores do Brasil. O programa habitacional do Estado Novo e o populismo no Rio de Janeiro”. Na UERJ integrou o grupo que implantou o curso de pós-graduação em História em 1978.

No artigo “A geração Capanema contesta nos anos 60”, apresentada por ela no XX Simpósio Nacional da Asso-

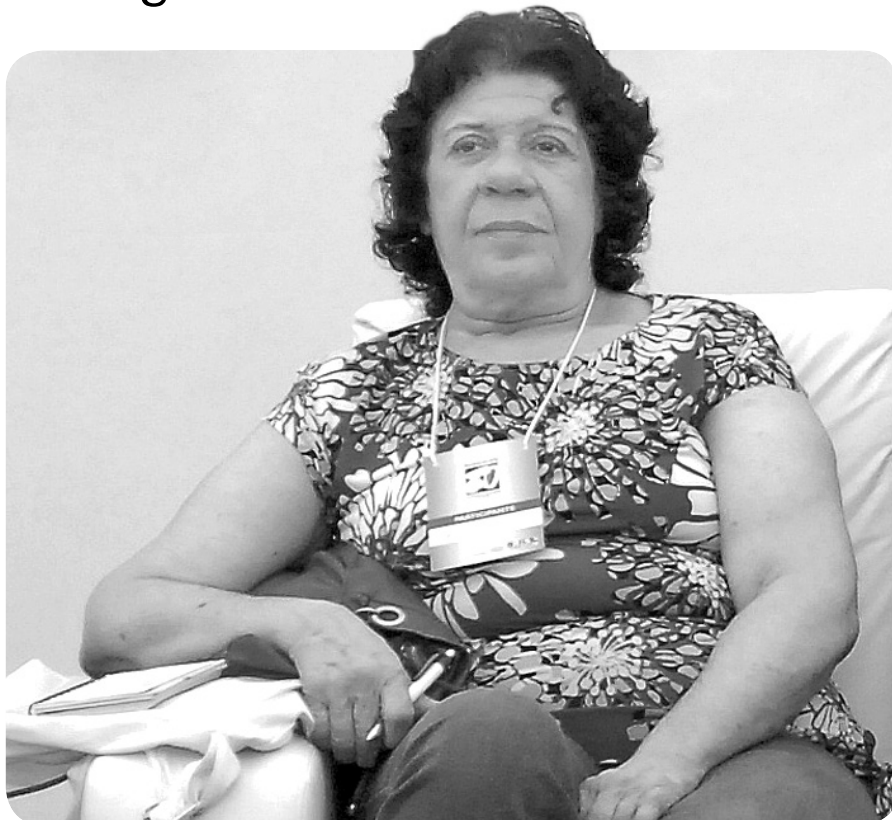


FOTO: RENATO FERNANDES ALVES

A professora Marilena Ramos Barbosa atuou por mais de três décadas na UERJ e agora há sala com seu nome

“Era amada pelos alunos por ser esclarecida, de opiniões fortes e com um senso de justiça aguçado”
Orlando de Barros

ciação Nacional de História (ANPUH), Marilena Ramos analisou a geração de estudantes universitários como fruto das políticas educacionais da Reforma Capanema. “As camadas populares urbanas, ao poder educar-se e aos seus filhos, tiveram oportunidades de ascen-

der socialmente, através da educação, e colaborar para a formação de quadros dirigentes, lideranças políticas e sindicais, capazes de desmistificar as práticas paternalistas e autoritárias reinantes até então, num grande e desigual país de tradição escravista no enfoque do trabalho”, escreveu a professora.

“Marilena era amada pelos alunos por ser uma pessoa esclarecida, de opiniões fortes e com um senso de justiça aguçado. Era crítica em relação aos problemas acadêmicos e esforçava-se para resolvê-los”, declara o professor Orlando de Barros, do Departamento de História do IFCH, que era colega e amigo da educadora. Não faltam lembranças e elogios da parte de alunos como Wagner Maia, estudante de Ciências Sociais: “Ela tinha uma relação próxima com a gente, contava muitas histórias, era varguista doente e uma pessoa muito cativante”.



Reitor: Ricardo Vieira Vice-reitora: Christina Maioli
Diretoria de Comunicação Social • Direção: Sonia Virginia Moreira Coordenação de Publicações: Carlos Moreno Reportagem: Ana Carina Santos e Mayana Garcia Estagiários: Tadeu Goulart e Thaís Gomes Fotos: Thiago Facina Projeto Gráfico e editoração: Rafael Bezerra • Tiragem: 2.000 exemplares Impressão: Gráfica UERJ • Contatos: 21 2334-0638 e comuns@uerj.br

